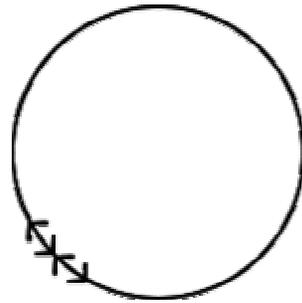


COMEÇO

MEIO

E FIM

(mesmo que o fim seja o começo)



Copyright

POESIAS – 1989

JOSÉ M. SILVA

© José Manuel da Silva, 1989
Rio de Janeiro, R.J. – Brasil

ÍNDICE

_____,	4
(NOME)	
A VIAGEM	5
POEMAS CURTOS I) II)	6
SAQUAREMA	7
TESÃO Nº V	8
IDÍLIO AULAL	9
sai i bo (ou poesia catalana)	10
0.	11
I.	11
II.	11
III. PELO COLORIR DAS PALAVRAS	12
IV. A SOBRA	13
MINHA HISTÓRIA	14
INSIGHT	15
AINDA HÁ POUCO	16
POEMA PROPÓSITO INACABADO	17
TENTANDO ENTENDER UM MOMENTO FREMENTE ELUCIDADO	18
AINDA A ROSA DE HIROSHIMA	19
MARCIA	20
ERÓTICA	21
PÓS-ERÓTICA	22

To Bob Dylan

&

Marcia, dentre tantas outras.

I'll remember you
When I've forgotten all the rest,
You to me were true,
You to me were the best.

There's some people that
You don't forget
Even though you've only seen'm
One time or two.
When the roses fade
And I'm in the shade
I'll remember you.

Bob Dylan

Copyright

(NOME)

Não sei nem como te chamar
Poderia ser de amor, de meu bem
Ou então de querida, também
E a coisa é tão séria
Que um mero te abordar
Me faz todo confusar
Talvez com medo do exagero
De te tratar com muito esmero
Ou até de reduzir-te um pouco muito
Com algum termo até quem sabe mais fortuito
Mas não importa o te chamar ou definir
No cabeçalho de sei lá o que escrevi
Identifique-se com o bater bem ao teu jeito
Do coração meu bem lá dentro do teu peito.

Rio, 1989.

Copyright

A VIAGEM

Voltei de uma viagem longa
Onde o coração ficou perdido
Numa nuvem de poeira estranha
Parece que dormia
Não sei bem, não me recordo
Só sei que me sonhei
Numa rima adernada
Num barquinho meio roto
Que atracava quando em vez
Para partir logo em seguida
Com algum vento que soprava
E de repente me acordo
E me vejo esparramado
Acabara o estibordo
E um cansaço me é chegado
Da rima nem um traço
Do barquinho algum cansaço
Da partida um vento sul
Do fim do sonho um céu azul.

Rio, 1989.

Copyright

POEMAS CURTOS

- I) ... Então dormi.
Quando acordei já estavas a meu lado.
Então sorri...
- II) Sim, sou mulher,
Penso. Sinto.
E se não bastasse,
ainda seria mulher.

Rio, 1989.

Copyright

SAQUAREMA

Não vá mais pra Saquarema meu amor
Isso da outra vez já me causou terrível dor
Não é que a nossa paixão se diminua
Ou que eu vá cair em plena rua
É que fica um silêncio aterrador dentro do peito
E o telefone só me faz sentir saudades do teu leito
Resumindo eu queria te pedir este favor
É que...
Não vá mais pra Saquarema meu amor
Nem que a gente ouça um disco e fique mudo
Mas pra mim estar contigo já é tudo
E eu sei e até concordo com o fato de você se espairecer
Mas como pode você longe se me deixar entristecer
Afinal é bem-me-quer ou mal-me-quer esta plantinha
Que verdeja, brilha, reproduz e me abandona
Pois a razão já foi se embora há muito tempo
Enquanto eu olhava o tempo ir-se com os ponteiros
De um relógio que se alegra em me lembrar
Que foi eterno o que durou seu viajar
Já não sei mais se brigo, peço ou faço birra
Desculpe, é que você a cada dia vai e acirra
U'a coisa estranha que me espeta lá por dentro
Como o desejo que me vem de fora ao centro
De te abraçar e te dizer com mais calor
Não vá mais pra Saquarema meu amor
Você só perde em me deixar aqui sozinho
Me pensando me esgarçando num quatinho
E você lá com não sei quem a rir brincar de fazer gosto
Não é ciúme, pode crer, é só a maldita preocupação
Que afinal cê pode ter algum problema, um caminhão
Na estrada que te leva pra tão longe assim de mim
Nesses dois dias em que eu fico aqui sem ter o que fazer
Entenda o que você quiser
Não vem ao caso
É só poesia o que eu disse
Mas pelo menos, você sabe
Se você for, arruma um tempo
Eu gostaria que você ainda me visse
Eu tentaria te pedir...
Olha, se quiser então cê vai
Já desgastei o meu estoque de palavras
Quando voltar a gente tenta achar sabor
Mas, ó,
Não vai mais pra Saquarema, meu amor!...

Rio, 1989.

IDÍLIO AULAL

Olhando a professora me apercebi da inutilidade do conhecimento
Quando o conhecimento só leva à angústia
Observando a professora me arrependi de ser gente
Enquanto outras gentes se não eram entes
Ouvindo a professora senti a maravilhosidade do pensamento
Pois o pensamento é a única verdade inegável da existência
De soslaio até senti que essa professora tinha sexo
Como eu, tu, nós, ela e eles, que às vezes disso não se apercebem
E interiorizando o sexo da professora vi o amor
Num vislumbre de consciência do desamor pela obra de arte
Uma vez que o amor só existe em função da falta dele
Se te amo, professora, é só porque podes não me amar
Foi quando me assustei
Me assustei
Perguntando à professora cheirei o ódio
Insistindo na pergunta percebi que o ódio não era bem ódio
Já que os sentidos me enganam muitas vezes
E por isso invalido todo o dito acima
Na certeza de que só posso ter me enganado
Não se vê tanta coisa numa só professora...

Rio, 1989.

Copyright

sai i bo (ou poesia catalana)

sim, agora tudo em volta reluz
antes que o tempo chegue de carregar a cruz
o disco de ouro dos bisões desaparecidos
e todos os vermes da mente quase todos carcomidos
sim, foram-se os tempos de mata fechada
alvoreceram as infâncias com a boca calada
vieram em toda a grandeza os afrescos rosados
o morto do vivo nasceu com os olhos molhados

Rio, 1989.

Copyright

0.

Quem já amou
 quase tudo
 Sabe o que é querer
 morrer
 De amor nos braços do parceiro
 Também morrendo
 de prazer.

I.

... E quando cheguei em casa e me olhei no espelho vi um estranho. Um ser que não conhecia a me olhar assustado, com reservas. Não podia ser o eu bêbado porque o eu não fica bêbado. Devia ser eu bêbado porque pensei em você. E sempre que alguém pensa em outro alguém enquanto sob a influência de algo — é porque esta pessoa ou esta coisa é o grande amor de sua vida.

Foi assim uma vez e assim sempre será; embora desacreditem disto os sábios.

E ainda assim tentei dormir, me concentrar ou escrever. Não consegui. Tudo se me desfazia da mão, tudo se me traía como eu tenho traído aos meus credores e devedores.

Espero que você não se acanhe ou se irrite. Escrevo esta carta meio fora de mim. Se aí estivesse não escreveria, mas te diria o quanto é difícil virar para o lado e encontrar somente a visão da parede.

Um beijo na saudade de mim.

Jamais tome cicuta.

II.

Tenho medo de ter coragem de me matar.

Pois esse é um mal súbito que acomete o ser humano de tempos a tempos e um equilíbrio mais desequilibrado pode então levar ao não-estado das coisas.

Enfim é um medo arisco de que tudo vire nada; de que uma co-autoria criminosa entre corpo e mente deflagre uma mudança na orientação da vida.

Valha-nos, então, o céu todo-poderoso, ou algum deus de misericórdia. Lança sobre nós alguma asa de bom-senso nos momentos mais desesperados como a morte do primogênito, o incêndio do lar ou o abandono de você...

III. PELO COLORIR DAS PALAVRAS

Minha vida por uma palavra escrita
Pois que ela me não trai
Pois que do fundo de mim ela sai
Hoje estou poeta, ontem fui romântico
E pra variar
Amanhã serei um cântico
Dos cânticos um vigia, um soutien aberto
De onde caem os seios virginais
Do amanhecer da insustentabilidade
O desorgulho da proibidade
Me dá, maldita gramática
Uma frase mais que seja enfática
Um período assim cor de jasmim
Se é que pode o ser colorir as palavras
E como disse o poeta, vem minha poesia,
Ou vai minha agonia
Mais uma vez já não sei
Ultimamente
As palavras se me repetem
As construções se me refletem
Num abismo de inconsciência
Num divagar de eloquência
E no entanto digo e digo
E só sei que nada digo
Do que sinto
Falo e falo e cada vez mais calo
Como se o armazém das palavras me esgotasse num nervoso do papel
Num estertor de escrever e escrever com cada hora mais ardor
– Num pensamento veio a vida de um simbólico exultante
E logo após a infinidade de emoções por si de si asfixiante
Me deixa agora ler um pouco
Me endormir, qualquer que seja
O que me espera o que me aguarda
O dia findo, a noite arqueja
Deveras, és um ser só, só um ser
E além disso nada mais
Pois te querias ver alçado nas alturas de um tal cais!
– Demência é a loucura de um momento invivido
Ausência é o porquê de algum presente não sentido
E nessa hora tão sublime neste tão feroz estado
Finalmente co'as palavras já me sinto iluminado
O futuro agora é u'a consequência do presente
E o passado só deixou um cheiro acre no ambiente

Que se me excitem os poréns e os porquês e os talvezes
E os maises e os menos e o tanto mais das vezes
É num jogo de palavras que se encontra a poesia
É no choro do prazer que pode estar a alegria.
Depois...?
Feijão com arroz!

IV. A SOBRA

E eis que sobre uma página
Não escrita a me olhar
Não olha tanto folha minha
Que já me estou a te saudar
Demora louca esta tua em me avisar que me querias
A te adornar com tinta azul e uma verde ramaria
Pois se essas cores não vão bem assim por sobre o teu papel
Sabe, honra-te, que essas duas representam o mar e o céu
O mar da imensidão com que oxalá te escrevesse
Em mil palavras e bonitas e tu então te orgulharias
O céu da esperança que numa luz resplandecesse
Um poemeto assim sem jeito do céu no mar a calmaria
E pra quebrar este soneto
Pois já é hora de dormir
Ainda duas linhas traço
Pra te enredar mais no meu laço
Se fosses gente e branca assim
Te apertaria contra mim
E então depois — te sentaria no meu trono
E mais uma vez — acordaria do meu sono.

(em pensando entre você e Malraux)
Rio, 1989.

MINHA HISTÓRIA

E esta é a minha história
De valores em procissão
Um buquê de exclamações
A deduzir a imensidão
A vida preza o ser humano
Revolução de enunciados
O vir-a-ser nem sempre vem
Nem sempre é que todos sabem
O acontecer tem um porquê
Pois se não tem um cego vê
E na berlinda estamos nós
A repensar o tu e o vós
Se algum cheiro te afagar
Favor prestar bem atenção
No que de eterno tem o não
No que de aberto tem o sim
Falar antigo antes do fim.

Rio, 1989.

Copyright

INSIGHT

Te vendo te vi
E te vendo te vi.

Rio, 1989.

Copyright

AINDA HÁ POUCO

Ainda há pouco te traí
Te escrevi a outra mulher
Abri a porta e não saí
Tomei café com outra colher
Mas é a quebra
O interromper
O não querer só te querer
É preciso cortar o acontecer
Assim penso, assim concordo
Ora pois
Se comigo não concordar
Não poderei te explicar
Este sentimento profundo
Insólito porque do mundo
Ainda há pouco te senti
Ao me deitar recordações
Ao desejar viver pra sempre
Te olhei na alma e não te vi
De mim te escapaste
Ou assim penso que foi isso
Sei lá, as palavras são e não são
E a gramática, essa então!
Que me persegue — aluvião...
Sem perceber a emoção
De rimar, rimar, perdão
Com o destino de um ladrão
Que te não entenda, te não tenha
Aqui vai minha desdita
Desidério em voz aflita
Ainda há pouco te encontrei
Te disse adeus e me virei.

Rio, 1989.

POEMA PROPÓSITO INCABADO

Foste um borrifo de amor
Sobre as folhas da minha apatia afetiva de então
Como um perfume que espraia
Fragrante, mistura de uns quês de gostosa emoção
E aí tem a fase em que
Vai secando o cheirinho...
Até que se vai o safado
E a vontade é tão forte de continuar a senti-lo
Que se cheira o tal cheiro onde ele já não está.
E aí...

Rio, 1989.

Copyright

TENTANDO ENTENDER UM MOMENTO FREMENTE ELUCIDADO

Preenchido estou de entendimento
Transbordando pela luz deste momento
Pois se a uns a evidência é bastante
A outros basta a intuição de um instante.

Fugir da vida, da alegria e da tristeza
Incoerência onde a força é fraqueza
Evitar-se para alguns se faz no vício
Para outros no trabalho desde o início

Este se retira da vida dolorida
Desprezível que se faz cada vez mais
Aquele nega que existe com o chiste
Enquanto o mundo, irreverente, é insistente
Enquanto o muito que se escreve fica breve.

Rio, 1989.

Copyright

AINDA A ROSA DE HIROSHIMA

Te dou uma rosa com uma cor de rosa
Para que o mundo se veja com a minha rosa
Num jardim vermelho que não tem mais rosa
Nuança de cores simples e grandiosa
Vejo ainda todo um céu na minha rosa
E uma abelha a desfigura
E todos pensam que a depura
Rosa rosa que é uma rosa
Que da rosa não é mais
Que cor é essa rosa minha
Que antes tinhas, não tens mais!

Rio, 1989.

Copyright

MARCIA

Vou te namorar eternamente
embora longe
vou te querer e afagar
embora ausente.
Vou lembrar de quanto dizes
fazes, cantas no meu ser.
E se um dia eu morrer
morro em ti sem perecer.
Deixo em ti a minha marca
de um amor de pesadelo
vinte anos em três horas
o calor em pleno gelo.

Rio, 1989.

Copyright

ERÓTICA

O que de mais erótico
Do que eu dentro de ti
Soluçando de prazer
Em recebendo teu abraço
Cheio de poder?

Te beijando os seios
E te bebendo o suco
Do que causei dentro de ti
E todos os outros
Inexistem neste momento
Pois agora somos um
Eu dentro de ti
Você por sobre mim.

E antes do gozo
Já não sei mais
Se sou eu mesmo
Ou beijo a esmo
Meu egoísmo é teu egoísmo
Meu amor o teu amor
No banho o retorno do abismo
No cheiro do prazer a nossa dor.

Na chegada a ilusão do amor
No amor uma paixão em cor
No meu corpo a impressão eterna do teu corpo ardente
Na partida o querer mais, insaciável, de outra vez urgente.

Rio, 1989.

PÓS-ERÓTICA

Não tenho medo
Nem orgulho, despeito ou preconceito
De dizer o que aqueceste aqui dentro do meu peito.

Se mais não digo
É por saber que tudo sabes
E o teu cheiro, teu calor
Tua lembrança e palidez
São eternamente minhas
Ainda que a outro os dê.

Não quero ser aquele eterno apaixonado
Que sublima na poesia um quê de amor desrespeitado
Quero ser o que fui eu mesmo e mais
Que te me lembres quando em vez
Que me sorrias vezes três
Que me convides prum almoço
E me abandones nem jamais.

Agora chega já me dei a conhecer
Até demais e muito além
Do que me cobra o teu prazer
Espero um imenso mar poético
Que te desperte este patético
Escrever desesperado
Confessar desajeitado
Começo-fim-começo amor
Pois se então assim não for...

Rio, 1989.